

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR QUE ATUA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA CIDADE DE MACAU/RN

Raniele de Oliveira Silva¹

Isabelle Cristina da Ricardo Pires²; Angela Maria Fonseca de Souza³; Paulo César Pereira Ramos⁴; Dra. Maria Aparecida dos Santos Ferreira⁵

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN, oliveirarani@hotmail.com¹;
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte –IFRN, i_sa_be_le@hotmail.com²;
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte –IFRN,
angelbeatrik@hotmail.com³; Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte –
IFRR, paulocez.ramos@outlook.com⁴; Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do
Norte –IFRN, Maria.santos@ifrn.edu.br⁵*

INTRODUÇÃO

Em 1970 foi quando a educação especial foi vista como uma preocupação por parte dos governantes para esse grupo de pessoas, pois educar alunos com algum tipo de deficiência gerava nos profissionais, muitas inseguranças. Nos últimos anos ocorreram avanços importantes em relação à formação de professores a nível mundial e nacional, não apenas em termos de legislação, mas também em relação à produção do conhecimento acadêmico. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96 dedica um capítulo à formação de professores, assinalando os fundamentos metodológicos, os tipos e as modalidades de ensino, bem como as instituições responsáveis pelos cursos de formação inicial dos professores. Também, no artigo 13, a LDB estabelece as incumbências dos professores, independentemente da etapa escolar em que atuam.

Para educar alunos com algum tipo de deficiência no ensino fundamental I e II é desafiador, instigador, especialmente pelo fato de que a sociedade, muitas vezes, já o rotulam como incapaz ou doente, e, assim, considera-os inaptos para o ensino. Vencer os obstáculos é necessária uma escola comprometida com a inclusão e docentes sensíveis as mudanças necessárias para garantir não apenas ao acesso, mas principalmente, a permanências dos alunos com deficiência ou altas habilidades. Muitas vezes, o docente precisa de formação que possibilite criar metodologias diferenciadas para ensinar o conteúdo ou para que o aluno com deficiência avance no conhecimento. O importante é entender o papel de cada ator envolvido na comunidade escolar; entender que o aluno é o aprendiz, indivíduo único, compreendido e valorizado como tal e que através da mediação com o outro, que poderá ou não ser o professor, com o meio, e a partir das condições oportunizadas, poderá construir seu conhecimento (MANICA, 2011).

Com isso, o presente estudo tem como objetivo analisar a formação dos professores do ensino fundamental I e II, que atuam com alunos com deficiências e altas habilidades, na cidade de Macau/RN.

METODOLOGIA

Optamos por uma pesquisa exploratória, onde tem por objetivo proporcionar maior familiaridade como o problema, ou seja, torná-lo mais explícito, envolvendo levantamentos bibliográficos. Segundo Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador

conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

E ainda, trabalharemos com a pesquisa descritiva, onde tem por objetivo caracterizar determinado fenômeno, envolvendo técnicas de coleta de dados. De acordo com os procedimentos técnicos, optamos por uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e demais publicações científicas pertinentes ao objeto de estudo.

Aplicamos um questionário em quatro escolas do ensino fundamental I e II. Em cada escola deixamos cinco questionários, totalizando, vinte respondentes. O critério para a escolha foi verificar duas escolas públicas e duas privadas, sendo a Escola Estadual Donana Avelino com o total de 134 alunos e a Escola Estadual Professora Maria de Lourdes Bezerra com 639 alunos. As escolas particulares foram, o Centro de Educação Integrada Monsenhor Honório (CEIMH), com 502 alunos e Jardim Escola Pequeno Lord com 160 alunos. Levamos em consideração os que já previamente sabíamos que trabalhavam a integração e inclusão de alunos com deficiências e altas habilidades.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Dos profissionais entrevistados, 14 (70%) responderam e apenas 6 (30%) não responderam. Dos 14 entrevistados, 13 são do sexo feminino e 1 do sexo masculino, sendo que a maioria dos entrevistados estão na faixa etária de 41 a 50 anos. O estudo procurou saber inicialmente como havia sido a formação de cada profissional, como foram as disciplinas, quando eles concluíram, como eram os perfis dos seus professores e se havia algo relacionado à educação especial e/ou inclusão na sua graduação (Licenciatura).

Conforme o entrevistado A (2017): “Não houve nada relacionado a educação especial na formação em pedagogia, no ano de 1999. As disciplinas eram: psicologia, sociologia, filosofia, metodologia de língua portuguesa, matemática, história, geografia e outras mais”. Já o entrevistado B (2017), “sou formada em pedagogia pela UERN, Campus Assú, concluído em 2008. Os professores em sua maioria eram dinâmicos e motivadores. “No final do curso, tivemos uma disciplina sobre educação especial, mas que deixou a desejar”. As duas falas apresentam deficiências de formação para lidar com alunos especiais. Segundo Pletsch, (2005) a formação dos profissionais de ensino influencia diretamente com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, seja os ditos normais, ou com alguma deficiência ou altas habilidades.

Em documento referência de Salamanca (1994) diz que os profissionais de ensino que lidam com alunos especiais têm que ter uma preparação e formação apropriada para se obter sucesso em escolas inclusivas. A maioria dos docentes relataram terem tido uma boa formação, com professores bastante motivadores, porém, as disciplinas voltadas a educação especial, na primeira fala não existia no currículo e na segunda fala foram vistas dentro de um contexto multidisciplinar e apenas uma disciplina foi ofertada, mas que deixou lacunas de aprendizagem, no processo formativo.

Segundo Santos (1999, *apud* TEIXEIRA, 2005), os docentes devem ter uma formação continuada para evitar que eles não se desatualizem, fazendo com que não percam a competência de exercer a profissão com eficiência e/ou sentir-se inábeis profissionalmente.

Os entrevistados foram questionados sobre eles possuírem alguma especialização, e qual a área. No questionário entregue aos professores foi possível obter os seguintes resultados.

No total de dez dos docentes (71%) que atuam nas escolas pesquisadas, em Macau/RN possuem especialização em diversas áreas de ensino, inclusive na área de educação especial. Quatro (29%) dos entrevistados não possui nenhuma especialização, porém, tem a pretensão de fazerem.

Procuramos saber dos profissionais há quanto tempo eles lecionavam. Nove (64%) lecionam entre um ano a dez anos, três (21%), lecionam entre 11 anos e 20 anos e somente dois (14%) lecionam entre 21 e 30 anos. Ao perguntar se existem dificuldades quando se trata de educação especial na escola. Os 14 entrevistados responderam que tem certa dificuldade quando se trata de educação especial na escola. De acordo com a entrevistada C (2017): “Sim, infelizmente, no tocante aos deficientes físicos, a acessibilidade oferecida pela escola é muito básica e não há professores auxiliares no Ensino fundamental I para o momento em que o aluno especial necessite de uma atenção mais específica”. Outro entrevistado diz o seguinte: “Há dificuldades por não ter uma equipe multifuncional, porém, existe um trabalho humanizado de acolhimento que faz a diferença na instituição”. Nesse sentido, a entrevistada evidencia que a escola possui uma estrutura muito precária, ou seja, possui uma equipe pedagógica muito eficiente. De acordo Marchesi (2004), isso significa que a questão da deficiência não se limita a ela mesma, mais provoca outras reações, como por exemplo, a inserção social das pessoas com necessidades especiais, seu acolhimento diante a sociedade.

Procuramos saber dos entrevistados se eles já haviam tido a primeira experiência com um aluno especial, qual a metodologia eles utilizaram e se foram necessárias alguma mudança na metodologia utilizada. De acordo com o entrevistado D: “Sim, no início foi bastante complicado detectar qual a deficiência, pois o aluno não absorvia nenhum conteúdo. Após conversas com coordenadores, familiares, buscamos meios que transformasse a deficiência na aprendizagem numa pedagogia possibilitadora e que ficasse ao alcance de todos. Na metodologia de fácil acesso encontrada para transmitir conhecimento foi a paixão identificadora na criança pelos números, daí podemos interligar todas as disciplinas com os números. Não é fácil, mas é muito gratificante trazer a criança para o universo escolar”. De acordo com Prado & Freire (2001), cabe ao professor a partir de observações realizar criteriosos ajustes às suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos seus diferentes alunos, de modo a incluí-los em um sistema educacional afetivo e cultural.

De acordo com Sá (2003), em relação à educação especial, existem muitas dificuldades e limitações e que apesar de todos esses fatores, tem que haver mudança na postura, concepções e atitudes por parte dos educadores, 12 (86%) dos entrevistados relataram que tiveram sua primeira experiência com um aluno especial, porém, a experiência foi difícil, por fatores que envolvem desde a família até a equipe pedagógica das respectivas instituições de ensino. Diante das necessidades educacionais diferenciadas, foram-se adaptando a uma nova metodologia de ensino. Dois (14%) responderam que não tiveram sua primeira experiência.

Procuramos saber dos entrevistados se na instituição de ensino eles tinham acesso à algum tipo de material didático que auxilie no ensino/aprendizagem do educando e se existe um apoio pedagógico da parte da instituição.

Conforme o entrevistado C (2017): “Sim, porém são poucos, os quais trabalham a motricidade e exercícios mentais, no entanto, como as necessidades especiais são diversas, esses materiais não atendem as necessidades dos alunos. Em se tratando do apoio pedagógico, não, a escola não oferece. Nós, professores, não recebemos curso, capacitação ou orientação nesse aspecto por parte da escola. Eu, pelo interesse na área, busquei o curso de especialização que me fornecesse subsídio para atuar”. Já o entrevistado E (2017): “Por enquanto ainda não, a escola está em encaminhamento, pois é uma escola em tempo integral, precisando de um acervo muito especial”.

De acordo com Correia (1997), a instituição de ensino deve disponibilizar materiais necessários para uma boa interação do aluno, para se obter um trabalho bem sucedido. Os profissionais de ensino utilizam materiais didáticos de acordo com a série de cada educando, permitindo que ele tenha acesso ao currículo da base nacional comum. (BRASIL, 2001).

Sabemos que a estrutura física da instituição de ensino contribui bastante para a acessibilidade do aluno com necessidade especial, diante disso, questionamos os profissionais sobre eles considerarem a instituição de ensino adaptada às várias necessidades específicas dos educandos.

De acordo com o entrevistado C (2017): “em relação aos deficientes físicos, acredito que a acessibilidade oferecida é muito básica, no entanto, a escola possui rampas, barras no banheiro e sala na parte térrea; a dificuldade é acentuada quando esse aluno precisa ir na parte superior da escola, ficando assim, na situação de ser carregado por seus professores ou funcionários da escola, considerando que existe uma escadaria”. Outro entrevistado diz o seguinte: “Ainda precisa melhorar muito com relação à estrutura física da escola e da própria sala de aula, porém, temos uma escola que considero confortável e afetiva”.

De acordo com Moura (2006), a instituição de ensino deve oferecer um espaço físico adequado que atenda às necessidades do educando, possibilitando-o a realizar as atividades escolares com total acessibilidade. Podemos observar que a maioria dos profissionais que atuam nas instituições de ensino localizado em Macau busca adaptar-se de acordo com as necessidades dos alunos, porém, algumas não possuem nenhuma adaptação no espaço físico, impedindo a acessibilidade ao educando. Segundo Dischinger e Machado (2007), a acessibilidade constitui em chegar a algum lugar com comodidade e independência, tornando possível a participação das atividades que ocorrem naquele ambiente.

CONCLUSÃO

O apoio da equipe pedagógica, em todas as escolas é importante para enfrentarem as dificuldades do cotidiano, do processo de ensino e aprendizagem com os alunos especiais. A escola precisa ser um lugar seguro e de confiança dos pais para deixar os seus filhos e que possibilite a inclusão e não segregação dos alunos com necessidades especiais.

De acordo com os entrevistados, duas das escolas possuem algum tipo de matéria didático que auxilie no ensino/aprendizagem dos educandos, porém, as outras duas escolas relata não ter acesso à nenhum material didático que contribua no aprendizado do educando. Observamos também que somente uma instituição de ensino conta com o apoio do A.E.E (Atendimento Educacional Específico), que os auxilia com recursos de acessibilidade, tecnológico e pedagógico.

No que se refere a melhorar a perspectiva da inclusão, segundo o entrevistado G (2017): “é necessário que as leis sejam cumpridas, para isso, é preciso apoio do poder público do Estado para adequar as instituições de ensino e oferecer capacitação para todos os

profissionais da escola”. Outro ressalta que: “Acho que cursos de capacitação são sempre bons nestes cursos, compartilhamos vivências e informações que nos ajudam e fortalecem na busca de melhorias”.

Nesse sentido, constatamos que alguns profissionais possuem uma formação adequada, eles relatam que a afetividade do professor com uma boa equipe pedagógica é capaz de incluir toda e qualquer criança no âmbito escolar.

Concluimos também, que, 15 dos 20 profissionais entrevistados não possuem uma formação adequada, no entanto, não buscam se adequar as novas modalidades educacionais, que busca incluir e não segregar.

A educação inclusiva ainda tem um longo caminho a ser percorrido, apesar de estar em um momento de maior divulgação na mídia e nas próprias escolas, porém, ainda deixa muito a desejar quando se trata de profissionalizar os docentes, quanto as suas metodologias.

É preciso eliminar o preconceito que é atribuído aos alunos com necessidades especiais. Podemos concluir através da pesquisa que, a grande maioria dos docentes apresentam sim, dificuldades no dia-a-dia dentro das salas de aula, relatando que na maioria das vezes a falta de estruturas nas escolas não é o que dificulta o trabalho dos mesmos, mas sim, a falta de uma boa equipe pedagógica para ajuda-los e orientá-los e a formação na área. Os alunos especiais precisam ser vistos e apoiados não somente pelos governantes, mas principalmente pela sociedade, como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Proposta de Diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior**. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado.

BRASIL. **Portaria MEC nº. 976, de 05 de maio de 2006, regulamenta o Decreto nº. 5.296 de 2004**. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em 20 ago.2017.

BRASIL. **Portaria MEC nº. 976 de 05 de maio de 2006, regulamenta o Decreto nº. 5.296 de 2004**. Brasília: MEC, 2006.

GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas**. trad. Rosa Ernani. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

CORREIA, Luís de Miranda. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares**. Portugal: Porto Editora, 1997. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo5/34JanePeruzoIacono.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.

DUTRA, C. **Inclusão que Funciona**. In Nova Escola, setembro, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do “deficiente mental” no Brasil**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

LÜDTKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANICA, L. E. **A prática docente da educação profissional na perspectiva da inclusão**. Educar, Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <<http://rioei.org/deloslectores/4004Manica.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2017.

MARCHESI, Álvaro. **Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas**. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús; (Orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação. Trad. Fátima Murad, Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRADO, M. E. B. B.; FREIRE, F. M. P. A formação em serviço visando a reconstrução da prática educacional. In: FREIRE, F. M. P.; VALENTE, A. (Orgs) Aprendendo para a Vida: os Computadores na Sala de Aula. São Paulo: Cortez, 2001.

PLESTCH, M. D. **A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n33/10.pdf>>. Acesso em: 04 de ago. 2017.

PLETSCH, M. D. **O professor itinerante como suporte para educação inclusiva em escolas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15866/1/2015_MariaAparecidaDosSantosNogueira_tcc.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

RODRIGUES, D. et al. **Educação Inclusiva: mais qualidade à diversidade**. In: **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. p. 45-63.

SÁ, Elisabete Dias. **Educação Inclusiva no Brasil, Sonho ou Realidade?** Palestra apresentada na 6ª Jornada Especial “A Educação no Terceiro Milênio: Espaço para Diversidade”. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SANTOS, C. M. dos. **Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302003000200016&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 abr. 2017.

SILVEIRA, T. S.; NASCIMENTO, L. M. **Educação Inclusiva**. Indaial: Uniasselvi, 2013.